

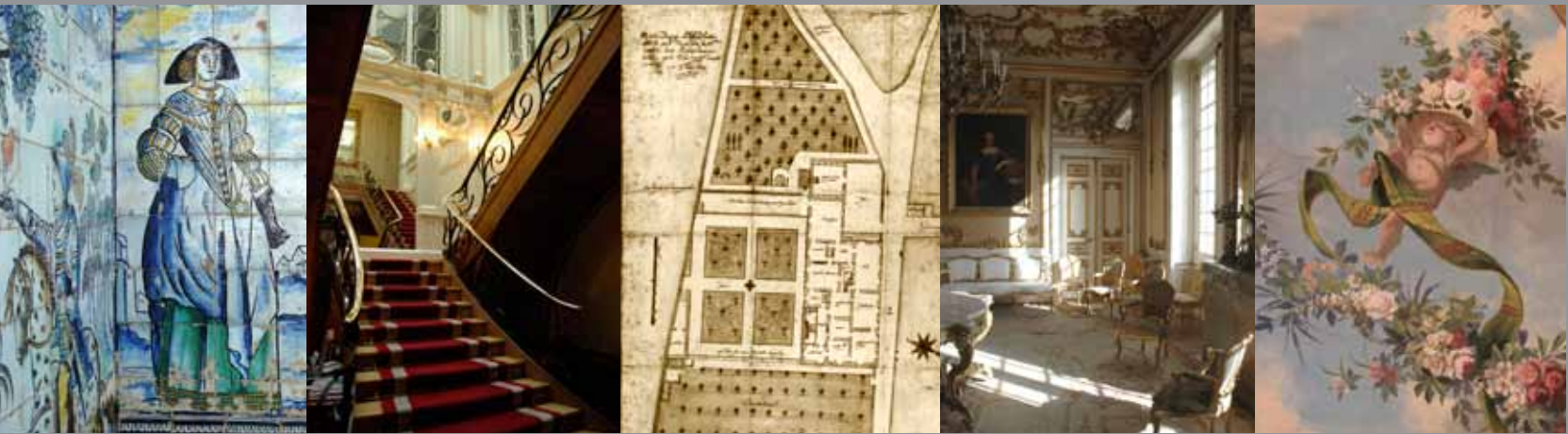
Isabel Mendonça . Hélder Carita . Marize Malta

Coordenação

A CASA SENHORIAL

em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores



Instituto de História da Arte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Escola de Belas Artes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A CASA SENHORIAL
em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores





Coordenação

Isabel Mendonça . Hélder Carita . Marize Malta

A CASA SENHORIAL
em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores

Instituto de História da Arte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Escola de Belas Artes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

2014

FCT (PTDC/EAT-HAT/112229/2009)

ISBN: 978-989-99192-0-4
(Universidade Nova de Lisboa)
ISBN: 978-85-87145-60-4
(Universidade Federal
do Rio de Janeiro)

*A Casa Senhorial
em Lisboa e no Rio de Janeiro:
Anatomia dos Interiores*

Design gráfico:
Atelier Hélder Carita

Secretariado:
*Lina Oliveira
Tiago Antunes*

Depósito legal:
383142 / 14

Tipografia:
Norprint

Tiragem:
300 exemplares

LISBOA – RIO DE JANEIRO 2014

Coordenação

Isabel M. G. Mendonça
Hélder Carita
Marize Malta

Edição conjunta

Instituto de História da Arte (IHA) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

ISBN: 978-989-99192-0-4

Escola de Belas Artes (EBA) – Universidade Federal do Rio de Janeiro
ISBN:

© Autores e IHA

Os artigos e as imagens reproduzidas nos textos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto com a referência EAT-HAT.112229.2009.

ÍNDICE

MECENAS E ARTISTAS. VIVÊNCIAS E RITUAIS

- 18 **Cátia Teles e Marques**
Os paços episcopais nos modelos de representação protagonizados por bispos da nobreza no período pós-tridentino em Portugal
- 44 **Daniela Viggiani**
“L’ Abecedario Pittorico” de Pellegrino Antonio Orlandi
- 64 **Celina Borges Lemos**
André Guilherme Dornelles Dangelo
Solar “Casa Padre Toledo”: o bem cultural como uma conjunção ritualística de espaços e tempos limiaries
- 86 **Miguel Metelo de Seixas**
O uso da heráldica no interior da casa senhorial portuguesa do Antigo Regime: propostas de sistematização e entendimento

ARQUITECTURA, ESTRUTURAS E PROGRAMAS DISTRIBUTIVOS

- 112 **Isabel Soares de Albergaria**
O Palácio dos Câmara “aos Mártires” – um caso excepcional da opulência seiscentista
- 134 **João Vieira Caldas**
Maria João Pereira Coutinho
O Nome e a Função: Terminologia e Uso dos Compartimentos na Casa Nobre Urbana da Primeira Metade do Século XVIII
- 190 **Hélder Carita**
O Palácio Ramalhete, nas Janelas Verdes: uma tipologia de palacete pombalino
- 208 **Ana Lúcia Vieira dos Santos**
Formas de morar no Rio de Janeiro do século XIX: espaço interior e representação social

- 224 **Mariana Pinto da Rocha Jorge Ferreira**
Tiago Molarinho Antunes
O Palácio dos Condes da Ribeira Grande, na Junqueira:
análise do conjunto edificado
- 248 **José Pessôa**
Padrões distributivos das casas senhoriais no Rio de Janeiro
do primeiro quartel do século XIX
- 272 **José Marques Morgado Neto**
As Casas Senhoriais da Belém colonial entre os séculos XVIII e XIX: sob a pers-
pectiva dos relatos de viajantes, da iconografia da época e da remanescência
no centro histórico da cidade
- 292 **Gustavo Reinaldo Alves do Carmo**
O Palácio das Laranjeiras e a *Belle Époque* no Rio de Janeiro (1909-1914)
- 318 **Patrícia Thomé Junqueira Schettino**
Celina Borges Lemos
“O Palacete Carioca”. Estudo sobre a relação entre as transformações da arquite-
tura residencial da elite e a evolução do papel social feminino no final do século
XIX e início do século XX no Rio de Janeiro
- 338 **Felipe Azevedo Bosi**
Palácio Isabel: o Palácio do Conde e Condessa d’Eu
no Segundo Reinado brasileiro
- 346 **Paulo Manta Pereira**
A arquitetura doméstica de Raul Lino (1900-1918). Expressão meridional
do *Arts and Crafts*, ou síntese local de um movimento artístico universal
do último terço de oitocentos

A ORNAMENTAÇÃO FIXA

- 366 **Ana Paula Correia**
Memórias de casas senhoriais – patrimónios esquecidos
- 382 **Sofia Braga**
Sobre a Sala Pompeia do Antigo Palácio da Ega

- 404 **Cristina Costa Gomes**
Isabel Murta Pina
Papéis de parede da China em Casas Senhoriais Portuguesas
- 424 **Ana Pessoa**
As Artes Decorativas no Rio de Janeiro do século XIX: um panorama
- 444 **Isabel Mendonça**
Estuques de Paris e “parquets” de Bruxelas num palácio oitocentista de Lisboa
- 472 **Isabel Sanson Portella**
Análise Tipológica dos Padrões dos Pisos de *Parquet* dos Salões do Palácio Nova Friburgo / Palácio do Catete
- 482 **Alexandre Mascarenhas**
Cristina Rozisky
Fábio Galli
A “Casa Senhorial” em Pelotas no século XIX: família Antunes Maciel
- 502 **Miguel Leal**
A Pintura Decorativa do Palacete Alves Machado: um estudo de caso
- 516 **Rosa Arraes**
A função social das decorações e seus ornatos dos palacetes na *Belle-époque* da Amazônia

EQUIPAMENTO MÓVEL

- 536 **Maria João Ferreira**
Ecos de hábitos e usos nos inventários: os adereços têxteis nos interiores das residências senhoriais lisboetas seiscentistas e setecentistas
- 562 **Marize Malta**
Sumptuoso leilão de ricos móveis... Um estudo sobre o mobiliário das casas senhoriais oitocentistas no Rio de Janeiro por meio de leilões

Palavras-chave
Arte decorativa,
Patrimônio cultural,
Casa senhorial,
Pelotas.

Keywords
Decorative art,
Cultural heritage,
Manor house,
Pelotas.

Resumo/Abstract

A “Casa Senhorial” em Pelotas no Século XIX: família Antunes Maciel

Em 1808, a Corte Real portuguesa havia se transferido para o Rio de Janeiro e realizado inúmeras transformações urbanas, arquitetônicas, sociais e culturais. No mesmo período, o sul do país apresentaria importante trânsito comercial com a Europa. A cidade de Pelotas se transformaria em um polo da cultura do gado e do charque; se desenvolveria rapidamente e ergueria centenas de edificações, ao longo do século XIX, de roupagem neoclássica e eclética. Alguns casarões, no estilo palacete, foram dotados de ornamentação - escaiola, estuques parietais e de teto, vitrais, pinturas murais, estatuária em porcelana e gradis em *fer forgé* - e denunciavam o poder aquisitivo da época. Essas obras foram executadas entre os anos 1860 a 1890, período de auge da economia charqueadora. Este artigo pretende, portanto, apresentar a arquitetura decorativa de duas “casas senhoriais” urbanas de propriedade da família Antunes Maciel.

The “Manor House” in Pelotas in the 19th Century: family Antunes Maciel

In 1808, the Portuguese Real Court had moved to Rio de Janeiro and conducted many urban architectural, social and cultural transformations. In the same period, the south of the Brazil had a very significant commercial trade with Europe. The city of Pelotas, turned itself as an important center of cattle and jerked beef, will develop quickly and build hundreds of mansions, throughout the 19th century, in neoclassical and eclectic cloak. Some were endowed with ornaments - escaiola, stuccoes and parietal ceiling, stained glass windows, mural paintings, statuary porcelain and railings at *fer forge* - and denounced the purchasing power of the era. These works were executed between the years 1860 to 1890, the period of peak of this “rural” economy. Therefore, this article aims to present the decorative architecture of two urban “mansions” built by the Family Antunes Maciel.

Alexandre Mascarenhas. *Dsc.; Arquiteto-conservador, Professor do Curso Superior de Tecnologia em Restauro do Instituto Federal Minas Gerais campus Ouro Preto; Mestre Artífice especialista em conservação de estuques e especialista em conservação de alvenarias em terra - afmascarenhas@yahoo.com | alexandre.mascarenhas@ifmg.edu.br*

Cristina Rozisky. *Arquiteta-conservadora; Mestre no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas; Mestre Artífice Especialista em Conservação de Estuques - crisroz@hotmail.com*

Fábio Galli. *Bacharel em Conservação e Restauro (UFPEL); Mestrando no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Pelotas; Técnico de Restauro (DART | UFPEL) - fabiogallirestauro@uol.com.br*

A “Casa Senhorial” em Pelotas no Século XIX: Família Antunes Maciel

Alexandre Mascarenhas, Cristina Rozisky, Fábio Galli

1. INTRODUÇÃO – BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

No início do século XIX, a Europa assistiu à expansão das tropas napoleônicas em direção à Península Ibérica. A possibilidade de invasão e de tomada do trono de Portugal fez com que a família imperial portuguesa se transferisse imediatamente para o Brasil. Na fuga de Portugal, embarcou parte da corte e do clero, além de centenas de caixas com a riqueza que foi possível trazer. Em 1808, aportaram no Rio de Janeiro, cidade que seria nos próximos 14 anos a capital do reino português. D. João VI decidiu abrir os portos brasileiros, fato que contribuiu para a independência do país em 1822. Em 1816, a chegada da Missão Francesa, ao Rio de Janeiro, trouxe artistas representantes de todas as artes, entre eles, o arquiteto *Grandjean de Montigny*, o pintor *Jean-Baptiste Debret*, o escultor *Auguste-Marie Taunay* e o crítico de arte *Joachim Lebreton*, que liderava o grupo.

Este grupo contribuiu para a difusão e o desenvolvimento do ensino das belas artes na “Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios”. Em 1826, foi renomeada como “Academia Imperial Brasileira de Belas-Artes” e, posteriormente, como “Escola Nacional de Belas-Artes”. A Missão Francesa foi responsável, ainda, pelo acervo composto de 42 telas de artistas franceses e italianos agrupadas, um ano depois, ao conjunto de obras originais em mármore e a um grande número de moldagens em gesso de cunho greco-romano. Todo este grupo de peças foi destinado ao curso de escultura da Academia. A arquitetura neoclássica foi disseminada rapidamente na capital e alcançou as cidades e vilas do interior do país. No entanto, para edificar dentro do estilo em voga naquela época, era necessária a importação de materiais e de mão-de-obra especializada, e, na medida em que eram aplicados, impregnavam as edificações de novos elementos decorativos.¹

Assim como na Europa, este estilo – o neoclássico – representou aqui as altas camadas sociais e o poder político. As linhas retas, sóbrias e equilibradas da arquitetura denunciavam estabilidade e austeridade. Os ornatos foram comercializados por meio de álbuns, seguindo a tendência da produção em série impulsionada pela Revolução Industrial instaurada na

Inglaterra, que logo se difundiu pelo mundo. Este mesmo processo de comercialização por meio de catálogos impressos e ricamente ilustrados, se repetiu em relação às moldagens de gesso que chegavam da Europa para ocupar os museus e as instituições de Belas-Artes, e na venda de imagens religiosas às instituições católicas espalhadas pelo país.

Em meados do século XIX, Paris, a capital francesa, recebeu uma grande transformação urbanística coordenada por Georges-Eugène Haussmann e esta remodelação serviu de modelo para a abertura de grandes boulevares como a Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, localizada no centro da cidade.

Neste mesmo período, o sul do país apresentaria lugar de destaque ao atuar de forma independente em relação às atividades comerciais – exportação de charque – com países da Europa, como Portugal, Itália, França, Alemanha entre outros. Pelotas se destacaria como um importante polo da cultura do gado e do charque. Dentro deste contexto, a cidade se desenvolveu rapidamente e ergueu centenas de edificações ao longo do século XIX, de roupagem neoclássica e eclética que receberam elementos da arte decorativa – escaiola, estuques parietais e de teto, vitrais, pinturas murais, estatuária em porcelana, gradis em *fer forgè*. Entre os anos 1870 até 1930, o uso de ornamentação nas fachadas e no interior das construções caracterizou a arquitetura eclética nacional. Um aspecto particular deste período foi a inserção de novos materiais e produtos existentes no mercado, graças a facilidade de importação. O ecletismo trouxe a liberdade formal e permitiu a composição rebuscada dos frontispícios e das paredes e forros internos das edificações. A ornamentação atendia aos interesses de uma nova sociedade moderna e burguesa, que buscava expressar seu *status* através da roupagem das edificações.

A decoração enriquecia e dava significado a cada parte da construção, de acordo com sua função específica. Nas dependências de maior valorização social foram desenvolvidos os forros de estuque, com pinturas e ornamentação em relevo, confeccionados em diferentes técnicas. O ornamento forneceu conteúdo material às estratégias de individualização dos ambientes interiores. Estas práticas envolveram padrões de gosto e valorações estéticas.²

A difusão de ideias e modelos relacionados com a organização do espaço doméstico e da cidade apresentava nesse período um acréscimo notável: cartões postais, álbuns, revistas, livros, manuais e catálogos europeus passam a figurar no contexto comercial das províncias, onde as importadoras os colocavam a disposição dos interessados, possibilitando a cópia do mundo civilizado e industrializado do outro lado do Atlântico. Dentro deste contexto, além da capital, destacamos as cidades de Belém, Belo Horizonte, Recife, Manaus, São Paulo e Pelotas.

Em Pelotas, a família Antunes Maciel, descendente da aristocracia charqueadora ergueu dois casarões monumentais, onde a abordagem eclética foi predominante. As edificações estão localizadas na Praça Coronel Pedro Osório, ponto central de destaque que abriga os prédios

urbanos públicos mais significativos e requintados da cidade, tais como a Biblioteca Pública, o Paço Municipal, o Liceu de Artes e Ofícios (edifício também construído com recursos dos Antunes Maciel), o Mercado Público e o Teatro 7 de Abril. A maioria desses prédios teve seus projetos realizados por profissionais italianos, portugueses e franceses. Quase todos esses arquitetos e construtores “beberam” da fonte do classicismo para concepção e realização de suas ideias. Essas obras foram executadas a partir de meados do século XIX, quando a época era propícia para investir em imobiliário urbano. Estudos recentes apontam que 77% da mão-de-obra de mestres e artesãos daquela época estava composta de estrangeiros, sobretudo açorianos, italianos e alemães, podendo-se constatar que o trabalho decorativo foi executado praticamente por especialistas vindos de fora do país. A parte bruta da obra era executada pelos escravos que trabalhavam nas fazendas charqueadoras que se situavam ao longo do arroio Pelotas a poucos quilômetros dali.³

Em relação aos casarões de propriedade da família Antunes Maciel, observam-se, na platibanda, vasos, balaústres e estatuetas em faiança portuguesa. Ainda nas fachadas, percebemos frontões centrais, gárgulas em estuque e balcões nas janelas superiores. No interior, todos os cômodos importantes receberam revestimento decorativo - escaiola - nas paredes, ornatos em relevo nos forros e tabuado e ladrilho hidráulico nos pisos. Os forros foram decorados por estuques ornamentais que representam a função ou o uso de cada espaço. Os revestimentos e os ornamentos de estuque são uma arte decorativa por excelência, visto não ser possível a sua existência fora da arquitetura. São também elementos que funcionam como complementos das superfícies murais e dos tetos dos espaços arquitetônicos, caracterizando e hierarquizando os ambientes construídos.

A cidade de Pelotas teve declínio econômico e social em princípios do século XX. Algumas famílias abastadas deixaram suas residências e se mudaram da cidade. Nas últimas décadas os casarões passaram por obras de conservação e restauro, receberam outros usos que permitem sua visita e a preservação de parte da memória cultural da cidade.

2. PELOTAS

A riqueza da classe dominante e a localização meridional de Pelotas junto aos veios d'água navegáveis contribuíram para a chegada dos adornos importados e também de profissionais da área da construção civil – italianos, alemães, franceses, ingleses e portugueses. Característica do estilo eclético historicista do período estudado, a ornamentação das edificações era generalizada, e elementos funcionais e ornamentais em diferentes suportes chegavam da Europa através dos navios - ferragens de gradis, portões, guarda-corpos e marquises em ferro forjado ou fundido, estruturas de ferro e vidros coloridos para os vitrais, bandeiras e clarabóias,

estatuária moldada em cimento ou em cerâmica alouçada (faiança) e estuques decorativos em relevo. Estes elementos eram agregados às fachadas, às paredes e aos tetos dos ambientes internos das construções. Pelotas estava conectada aos mesmos países exportadores europeus que comerciavam com as cidades em desenvolvimento no Brasil.⁴

A arquitetura tradicional luso-brasileira utilizava as técnicas construtivas da taipa, do pau-a-pique ou do adobe, e somente com a chegada dos imigrantes, a partir de 1870, é que o tijolo cozido passou a ser fabricado e utilizado nas edificações de algumas regiões do norte, nordeste e sudeste, possibilitando o melhor acabamento dos prédios e a ornamentação das fachadas com as técnicas da estucaria.⁵

No entanto, Andrey Schlee (1993) faz referências a construções em Pelotas que datam da década de 1830, em alvenaria de tijolos. A presença de olarias foi registrada nas charqueadas pelotenses e, provavelmente, a fabricação dos tijolos em Pelotas é anterior àquelas praticadas nas cidades das regiões citadas. Os elementos cerâmicos (tijolos e telhas) eram produzidos no período de entressafra da manufatura da carne salgada. Assim, a produção dos materiais e a construção das edificações urbanas eram atividades alternativas ao processo charqueador, dado que também ocupava a mão-de-obra escrava. Este sistema construtivo permitiu a ornamentação e o fino acabamento das edificações.

Em Pelotas, entre os anos de 1860 e 1890, deu-se o período áureo da produção charqueadora quando enriqueceram, num curto espaço de tempo, os proprietários das áreas de salga. No entanto, a década de 70 do século XIX foi de grande crescimento urbano e arquitetônico da cidade. Nesta década se introduziu o ecletismo na arquitetura pelotense e, por consequência, se desenvolveu a decoração em estuque nas fachadas e nos interiores dos prédios edificados.

A linguagem decorativa eclética historicista dominou a paisagem urbana pelotense. As construções buscavam a imponência através da ornamentação rebuscada, evidenciando a ascensão econômica e cultural dos proprietários. Uma infinidade de signos clássicos foi utilizada, evidenciando a relação privilegiada com o mundo europeu industrializado. O requinte da ornamentação também se relacionava com as ideologias políticas dos proprietários. Quanto mais elaboradas as decorações dos frontispícios e dos principais ambientes das casas, de mais projeção social gozavam seus proprietários. No ecletismo arquitetônico pelotense, as técnicas de estuques decorativos foram amplamente utilizadas nas fachadas e nos forros internos dos prédios. Os estuques lisos foram amplamente empregados nas paredes internas das construções, conhecidos popularmente em Pelotas por “esaiolas” ou “escariolas”. Entretanto, não corresponde à técnica da *scagliola*, pois não se utiliza o gesso em sua composição.⁶

Encontramos muitos testemunhos das técnicas de manufatura do estuque em relevo em Pelotas. Entretanto, raros são os exemplos dos estuques artísticos de interiores modelados

in loco, ou pelo menos os que chegaram até os dias de hoje. A referência local desta técnica são os forros do antigo prédio residencial do Conselheiro Francisco Antunes Maciel. Nestes exemplares, os relevos e traços são bastante significativos.

Maria de S. José Leite (2008) comenta sobre a migração de estucadores portugueses para o Brasil, e registrou que, entre aqueles que seguiram para o sul do Brasil, o destino foi o porto de Rio Grande, RS. Domingos Moreira da Nora e Silvestre Enes do Vale, originados da região de Viana do Castelo, migraram em 1847; Bento Alves dos Santos, da região de Gaia, deixou Portugal em 1915. Apesar disso, é difícil encontrar a designação de estucador nos registros de saída da barra do rio Douro. Cita-se o exemplo de um artífice da Oficina Baganha de nome Franklim, que havia desembarcado no Brasil sob a profissão de escultor. Outros profissionais apresentavam ainda registro de ensamblador, pintor, marceneiro, carpinteiro, serralheiro ou pedreiro. Mas pouquíssimas são as referências de estucadores.

Assim, para este trabalho, estudaremos **os casarões assobradados do Conselheiro Maciel e do Barão de São Luis**, tombados em 1977 pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (Iphan). Ambas se situam no mesmo quarteirão, em frente à praça principal da cidade (Ilustração 1).

O requinte das ornamentações em estuque materializava o prestígio social, econômico, cultural e ideológico dos donos dos palacetes edificadas. Quanto mais elaboradas as decorações das fachadas ou dos ambientes internos dos prédios ecléticos, de maior projeção social gozavam seus proprietários. A maneira de moldar ou esculpir, o saber fazer, o esmero e a minúcia do ofício de estucador, ampliavam a suntuosidade das nobres construções. Os trabalhos mais



Ilustração 1
Vista dos três Casarões no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, Pelotas, RS.

Fonte: foto Alexandre Neutzling, edição: Cristina Rozisky.

elaborados eram mais caros, logo, os melhores artistas trabalhavam para os proprietários mais abastados, sendo que, por vezes, o grau de intelectualidade dos donos das casas influía nos requintes decorativos. Muitas vezes, os estuques dos tetos dos ambientes interiores indicavam a função das salas.

Em ambos os edifícios observam-se, na platibanda, vasos, balaústres e estatuetas em faiança portuguesa. No interior, grande parte dos cômodos recebeu revestimento decorativo - escaiola - nas paredes, ornatos em relevo nos forros e tabuado ou ladrilho hidráulico nos pisos.

A maioria dos estuques ainda se mantém nos forros dos casarões que hoje constituem parte do patrimônio cultural da cidade. Mas, diferentemente do que acontece em relação à identificação dos arquitetos e dos construtores destes edifícios, os artistas do gesso restaram anônimos.

3. ESTUDOS DE CASO:

CASARÃO DO CONSELHEIRO MACIEL X CASARÃO DO BARÃO DE SÃO LUÍS.

3.1 Casarão do Conselheiro Maciel

Conselheiro Francisco Antunes Maciel, filho do tenente-coronel Eliseu Antunes Maciel, casado com Francisca de Castro Moreira (filha do Barão de Butuí) e influente Conselheiro do Império.

A antiga residência do Conselheiro Francisco Antunes Maciel, Comendador Francisco Antunes Maciel, foi concluída em 1878. O prédio está localizado em lote de esquina da Praça Coronel Pedro Osório com a Rua Barão de Butuí. A autoria dos projetos ainda é incerta, no entanto, alguns nomes são considerados: José Izella Merotti, Guilherme Marcucci e Artur Antunes Maciel. Este último, irmão do proprietário, estudou engenharia na Bélgica. O prédio ganha destaque pela complexidade e qualidade dos elementos arquitetônicos da fachada com ornatos em estuque, balaústres e estatuária em faiança. Após o período de decadência econômica e social, quando algumas famílias abastadas deixariam a cidade, as edificações receberam os mais diversos usos.

Durante o período de 1930 a 1973, o casarão foi utilizado como quartel general do 9º Regimento de Infantaria. A partir de 1975 o edifício já faz parte do conjunto arquitetônico tombado pelo IPHAN como Patrimônio Cultural. No ano de 1976 a Secretaria Municipal de Obras e Viação se instala e permanece até 1978, quando passa a ser ocupado pela Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente.

A construção de esquina apresenta alicerces e paredes de alvenaria, sendo revestido externamente com reboco liso e bunha. O prédio possui duas entradas, uma lateral e outra

frontal, ambas envoltas por pequenos jardins. Observamos ainda um porão alto com sacadas e platibanda coroada por frontões curvos, vasos e estátuas. Uma clarabóia de ferro com vidro colorido sobre um hall central ilumina a circulação que serve de distribuição para diversos compartimentos (Ilustração 2).

Os espaços que possuem forros de estuque decorado em relevo estão situados no pavimento térreo. Os tetos são planos e compostos por um painel de ripas e preenchimento em argamassa de cal e areia. Estes painéis, fixados em uma estrutura de madeira apoiada e engastada nas paredes, recebem a decoração de estuque em relevo. Conforme comentado anteriormente, os estuques em relevo apresentam duas técnicas: moldagem manual *in loco* para os ornamentos principais e moldes para reprodução da ornamentação dos contornos e molduras como folhas de acanto, óvulos, dentículos ou laços. Os frisos e arremates laterais



foram confeccionados por meio de carrinhos deslizantes.

O uso de cada ambiente direciona a iconografia do estuque em relevo, assim, a sala de jantar apresenta motivos fitomorfos e zoomorfos inspirados na fauna, na flora e, ainda, nos serviços de prataria – utensílios como pratos ou talheres. O “medalhão” central oval apresenta quatro cabeças de raposas que abocanham guirlandas em rosas. Nas laterais retangulares do forro observamos figuras de mascarões e ramos de acanto, um porco e duas aves. Os quatro medalhões de canto, em formato irregular, estão ornamentados por ramalhetes de flores e folhagens em *rocaille*. Dois desses medalhões estão encimados por uma raposa que abocanha uma ave; um grupo de peixes em anzóis e um caranguejo, ao centro, e um vaso de rosas na

parte inferior. Os dois medalhões restantes apresentam um conjunto de frutas - cachos de uvas, bananas, amoras, pêssegos e figos - ladeados por folhas de parreira e acanto organizadas em composições orgânicas. Todas as molduras se destacam pelo ritmo provocado pela sequência das folhas de acanto (Ilustração 3).

Os motivos desenvolvidos se alteravam de local para local. Enquanto elementos associados à gastronomia predominam na sala de jantar, *puttis* pontuam os forros nas salas de festas ou nos gabinetes, instrumentos musicais e flautistas se sobressaem nas salas de música e anjos “pousam” nos dormitórios. Essas representações eram envolvidas por elementos florais que se ramificavam exaustivamente em novas composições.

O *hall* de entrada possui elementos decorativos florais que emolduram um livro aberto,

Ilustração 3
Estuque decorado em relevo da Sala de Jantar.
Casarão Conselheiro
Maciel, 1878,
Pelotas, RS.
Fotos: Alexandre
Mascarenhas, 2013.



sobreposto a uma espada e a um par de cornucópias da abundância. As páginas do livro receberam, por meio da técnica da incisão, a inscrição “Colleção das leis do Império do Brasil, 1876” em conformação ao cargo exercido pelo proprietário da residência, Conselheiro Francisco Antunes Maciel, que foi ministro do gabinete Lafayette. Tal iconografia representa a luta em prol das legislações vigentes e a riqueza das mesmas. Ainda observamos o brasão,

as iniciais do seu nome e cavalos alados, que remetem ao poder econômico e político do Conselheiro (Ilustração 4).⁷

Na sala de música, as superfícies salientes e reentrantes laterais, que mais se assemelham uma treliça mourisca, dão acesso a um friso paramentado por um feixe de juncos enroscados com folhas de acanto. Ao centro deste teto se encontra uma figura masculina assentada sobre ramos de acanto que dedilha as cordas de um alaúde também denominado como *bouzuk*. Um colar de pérolas e um pingente em forma de cruz contorna o pescoço da figura. Esta imagem é espelhada no sentido transversal. Os quatro cantos possuem a mesma iconografia: uma figura feminina alada vestida com longa túnica que lhe cobre o corpo em drapeados e, na cabeça, uma coroa de sete pontas e um colar de pérolas. Enquanto uma mão se eleva ao céu, a outra



Ilustração 4
Estuque decorado em relevo e piso em ladrilho hidráulico decorado do Hall de entrada. Casarão Conselheiro Maciel, 1878, Pelotas, RS.
Fotos: Alexandre Mascarenhas, 2013.

segura uma lira. Lateralmente, anjos coroados com ramos de louros carregam flautas em suas mãos (Ilustração 5).

O forro do gabinete sala da lareira explora elementos fitomorfos da flora que se alternam nos cantos com motivos campestres e clássicos. A cena campestre apresenta uma figura antropomorfa de um camponês pastor assentado sobre arbustos enquanto toca a flauta, ladeada

por carneiros, ovelhas, uma galinha, um cachorro e um chapéu, e é arrematada ao fundo por uma casa, uma árvore e um terreno cercado representando a vida no campo das fazendas gaúchas. A cena clássica possui a figura de meio corpo de dois *putti* envoltos em folhagens de acanto. Aqui, o cenário poético está impregnado de romantismo, sobretudo pela representação dos “meninos andrógynos e gordinhos” que fazem parte do repertório ornamental desde a Antiguidade Clássica.

Nas demais áreas, destinadas aos serviços, os forros são simples, em madeira tipo saia e camisa. As superfícies das paredes receberam decoração de estuque liso com técnica semelhante ao *marmorino* italiano, identificadas localmente como escaiolas⁸, e, seu processo construtivo é composto por seis camadas sucessivas e aplicadas a fresco onde a quantidades e

Ilustração 5
Forros de estuque decorados em relevo da Sala de Música. Casarão Conselheiro Francisco Antunes Maciel. Pelotas, RS.
Fotos: Alexandre Mascarenhas, 2013.



a granulometria da pasta de cal e do pó de mármore varia até alcançar a última “demão”, que na maioria das vezes recebe desenho imitativo de mármore ou estêncil (Ilustração 6). Nos ambientes de transição como os corredores, circulações ou avarandados, observamos piso em ladrilho hidráulico.⁹

A cozinha recebeu azulejos belgas em tons azuis com motivos fitomorfos e, grande parte

do mobiliário original se encontra atualmente preservado no Museu Imperial de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro.

A partir das observações pré-iconográficas realizadas, percebe-se a diferenciação plástica dos estuques em relevo que ornamentam os forros da antiga residência do Conselheiro Francisco Antunes Maciel. É possível considerar que os ornatos principais desta construção foram modelados a mão livre, no local. Os ornamentos não foram executados somente com gesso e sim modelados com massa a base de cal. As peças modeladas *in loco* são únicas, desenvolvidas através das habilidades do artífice. A base desta técnica construtiva pertence à ação do moldador e decorador, que prepara os moldes. Os elementos obtidos por meio de formas se tornaram modelos para as peças produzidas e aplicadas em série. Logo, os processos



Ilustração 6
Revestimento parietal em marmorino/escaiola. Casarão Conselheiro Francisco Antunes Maciel, Pelotas.
Fotos: Alexandre Mascarenhas, 2013.

de manufatura são diferentes, assim como os materiais que constituem esses artefatos.¹⁰

Portanto, podemos concluir que a ornamentação em relevo era modelada diretamente no local ou executada por meio de moldes/formas, e, fixados posteriormente a sua secagem. Depois de finalizadas as decorações de estuque, os tetos eram pintados com tintas à base de cal, cuja policromia ressaltava as superfícies lisas assim como os relevos decorativos.

3.2 Casarão do Barão de São Luis

Leopoldo Antunes Maciel (Dr.) - Bacharel em Direito [SP-1870]. Presidente da Câmara Municipal e do Comando Superior da Guarda Nacional, em Pelotas. Presidente do Centro Abolicionista de São Paulo. Vice-Presidente da Província do Rio Grande do Sul. Comandante Superior da Guarda Nacional. Membro de antiga e importante família de origem portuguesa estabelecida no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

A união dos dois sobrenomes ocorreu com Antônio Antunes, que deixou numerosa descendência do seu casamento com a filha de João Maciel, natural de Viana do Castelo, Portugal, e de Paula Camacho, que, em companhia de seu marido, seguiu para o Brasil com filhos e filhas em fins do século XVI, já estando em São Paulo em 1570. O Barão Leopoldo Antunes Maciel era bisneto desse casal.

Atualmente, o palacete do Barão de São Luís é mais conhecido como “Casarão nº 6” em



Ilustração 7
Fachada da antiga
residência do Barão de
São Luis (1879),
Pelotas, RS.
Fonte: Cristina Rozisky,
2013.

função de seu endereço: Praça Coronel Osório, nº 6. A construção ocorreu em 1879 e serviu de residência de Leopoldo Antunes Maciel (1849-1904), genro pelotense do Barão de Butuí (o português José Antônio Moreira), proprietário do “Casarão nº 2”.

O sistema construtivo e o estilo arquitetônico são similares aos do Casarão do Conselheiro Francisco Antunes Maciel. Entre as semelhanças destacamos a altura e as bossagens dos porões; as pilastras e os capitéis; as aberturas das fachadas; os frontões que encimam as aberturas; os balaústres das platibandas e, sob os balcões das portas-sacada, repetem-se as falsas gárgulas de estuque (Ilustração 7).

A edificação, situada no centro do quarteirão, apresenta fachada frontal alinhada ao nível da rua. O partido, em forma de “H”, é simétrico tanto em planta quanto na fachada – aberturas e ornamentação. Sua fachada de porão alto possui sacadas e, ao centro, uma varanda formada por um jogo de arcos e colunas, cujo acesso é feito por escadaria dupla em curva. O coroamento da edificação, em platibanda mista, torna-se diferenciado no torreão central, onde se observa frontão triangular, sendo que ambos sustentam estátuas.

Apenas três ambientes possuem tetos em estuque em relevo e se localizam no pavimento térreo: *hall* (1), sala de jantar (2) e escritório (3) (Ilustração 8).

A partir da varanda, onde se situa a porta principal de entrada à residência, se tem acesso aos ambientes internos. As superfícies murais do edifício receberam decorações elaboradas em diferentes técnicas de revestimento de estuque. Os estuques lisos – técnica similar ao *marmorino* italiano e denominado localmente como “escaiola” – se apresentam em grandes

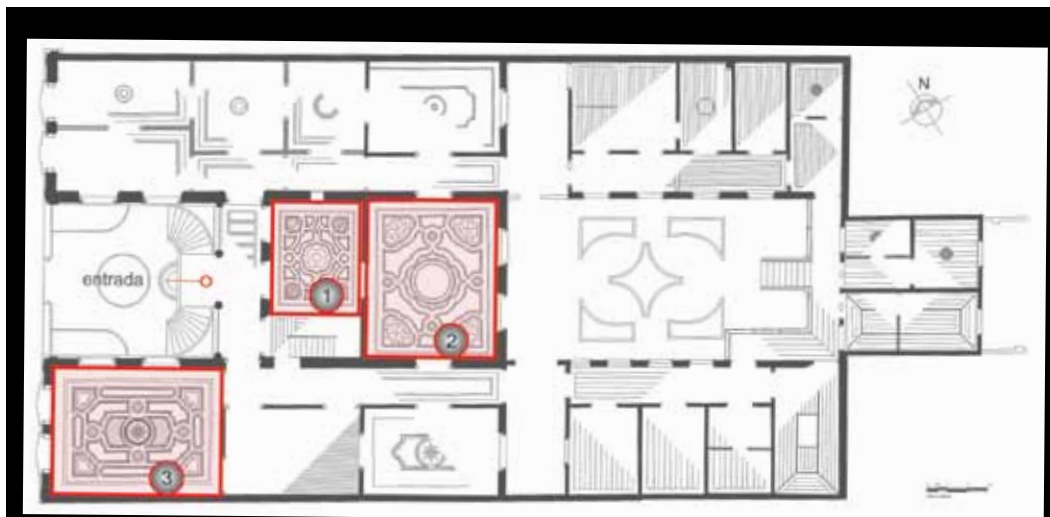


Ilustração 8

Planta com a indicação dos ambientes com forros de estuque em relevo: Hall (1), Sala de Jantar (2) e Escritório (3). Casarão do Barão de São Luis (1879), Pelotas, RS.

Fonte: desenho empresa ArquiBrasil, acervo da SECULT. Edição: Cristina Rozisky, 2013.

painéis que fingem mármore colorido, emoldurados por frisos decorados com motivos fitomorfos. As “escaiolas” podem ainda ser observadas nos fustes das colunas externas assim como nas paredes dos corredores e das salas principais (Ilustração 9). Apesar de poucos, os cômodos decorados, destacamos a erudição na qualidade artística e do excelente estado de conservação da arte aplicada.

A feitura da decoração de estuque em relevo dos três forros é de ótima qualidade técnica, sobretudo no que diz respeito aos elementos fitomorfos, zoomorfos e dos frisos. Um dos ambientes apresentava pinturas executadas com a técnica do estêncil, em listras verticais com duas cores - o rosa e o ocre. Este padrão decorativo lembrava um tecido aplicado à parede, arrematado por um friso composto de flores e frutos. Em outros aposentos, existiam frisos que ornamentavam a cimalha explorando motivos florais em tons monocromáticos. No entanto, antigas decorações não foram preservadas pelos restauradores na última intervenção que o prédio, tombado pelo Governo Federal, recebeu, desrespeitando, portanto, as normas e os critérios nacionais ou municipais de conservação e restauro de bens artísticos integrados.

O *hall* de entrada possui seções ornamentadas nos quatro cantos do forro com motivos florais e *puttis* modelados em meio corpo que surgem de ramos de acantos. Esta decoração, peculiar ao classicismo, é semelhante ao forro desenvolvido no gabinete do Casarão do Conselheiro Francisco Antunes Maciel, já comentado anteriormente. Além do repertório decorativo, a feitura e qualidade técnica de ambos os tetos são similares tendo sido executados, possivelmente, pelos mesmos artífices.

Assim como no *hall* de entrada, a sala de jantar (Ilustração 10) também alterna a iconografia dos quatro medalhões de canto com diferentes matrizes em padrões fitomorfos e antropo-zoomorfos. Estes elementos de formato irregular são arrematados por friso duplo: um liso curvo, e, outro, preenchido por folhas de acanto. No centro de cada medalhão observamos uma espécie de brasão oval ladeado por folhagens dispostas de forma orgânica, sinuosa que lembram *rocailles*. O interior de um dos modelos de brasão oval apresenta um prato com peras, uvas, figos, nozes e folhas de videira. O segundo modelo se destaca pelas três figuras centrais de caça - coelho, galinha e pato. Ambos estão finalizados em sua parte inferior com uma cabeça de felino coroada por uma grande folha de acanto. A decoração central do teto, de onde se projeta a luminária, possui moldura circular dupla - uma lisa e outra paramentada de folhas de acanto - complementada de arranjos vegetais que se repetem criando simetria. Deste elemento central, um grupo de frisos que lembram arcos mouriscos, é finalizado nas quatro pontas por pratos de frutas que antecedem o complexo arremate lateral - frisos, dentículos, óvulos, folhas de acanto e “cornijas”. As paredes receberam revestimento em escaiola (*marmorino*).

As paredes da copa e da cozinha do casarão são revestidas de azulejos pintados em tons de azul e branco, cuja base foi executada com placas cerâmicas maiores e apresenta decoração floral em múltiplas cores, e, no banheiro do andar superior, destaca-se um fingido de azulejos executado em escaiola em tons de preto e branco com um friso de acabamento no roda-forro.



Ilustração 9
“Escaiolas” aplicadas nas superfícies parietais dos ambientes internos – corredores, hall de entrada e salas - e nos fustes das colunas da varanda.

Fonte: fotos de Cristina Rozisky, 2012.



Ilustração 10
Vista geral do forro da
Sala de Jantar e detalhes
das ornamentações de
canto em estuque
em relevo.
Fonte: fotos de
Cristina Rozisky, 2012.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A introdução do estuque como arte decorativa no Brasil está relacionada com acontecimentos sociais, políticos e estéticos. A transferência da família real para o Rio de Janeiro em 1808 e a abertura dos portos brasileiros às nações amigas contribuiu para a inserção da estética neoclássica, com a importação de novos elementos arquitetônicos. Os contatos com as matrizes culturais europeias se intensificaram. A chegada da Missão Artística francesa em 1816 objetivou a criação da Academia Imperial de Belas-Artes, inaugurada dez anos depois e que seguiu os modelos clássicos ou acadêmicos no ensino oficial das artes plásticas. Porém, como esclareceram vários pesquisadores, ao ser transposto e disseminado nas cidades do território nacional, o estilo neoclássico foi impregnado de elementos ecléticos, decorrendo no historicismo arquitetônico desenvolvido em todas as regiões do país.

Em Pelotas, o desenvolvimento do estuque como arte decorativa está diretamente associado à riqueza econômica da cidade, alavancado pela produção e exportação do charque e de seus derivados. A localização geográfica da cidade, conectada às cidades do interior e ao porto de Rio Grande pelos caminhos navegáveis – o Canal São Gonçalo, o Arroio Pelotas e a Laguna dos Patos – permitiu a importação de produtos da indústria europeia empregados na construção civil. Possibilitou também a introdução de mão-de-obra especializada que substituiu o trabalho escravo, assim como as influências culturais e estéticas do velho continente. A partir da década de 1870, as construções ecléticas edificadas empregaram a estucaria nas decorações externas e internas dos prédios. As antigas residências do Conselheiro Maciel (1878) e do Barão de São Luis (1879) exemplificam essas peculiaridades. Ambas possuem um acervo monumental em decorações parietais e de teto de estuque em relevo tanto externamente quanto internamente.

As análises formais permitiram a identificação das técnicas e a organização dos elementos compositivos da decoração dos forros. Foi constatado que as ornamentações empregaram manuais e catálogos existentes sobre o ofício, escolhidos pelos artesãos e pelos proprietários com a intenção de enriquecer e hierarquizar os ambientes. A policromia dos tetos apresentava a função em destacar ainda mais os elementos em relevo das superfícies planas e enriqueciam as complexas criações. As análises iconográfica/iconológica possibilitaram determinar a referência plástica dos desenhos/matriz, cujas ornamentações acordavam com o repertório ornamental mundial vigente na época. Destacaram-se, na amostragem inventariada, os forros da antiga residência do Conselheiro Maciel, não só pela maior quantidade de tetos estucados, mas também pela qualidade dos ornatos, visivelmente mais elaborados que os demais. Neste casarão também estão o maior número de ornamentos modelados *in loco*.

Existem semelhanças entre os forros das residências do Conselheiro Maciel e do Barão de

São Luis. Alguns elementos ornamentais e desenhos/matrizes se repetem, tanto nos artefatos reproduzidos por meio de moldes ou aqueles modelados diretamente no local. As duas construções foram concluídas em datas próximas, sendo provável que tenham recebido os mesmos artífices em suas decorações. Apesar de desconhecida a autoria da arte aplicada destes dois casarões, podemos ainda supor que esta mão de obra esteve na cidade exclusivamente para atender aos trabalhos encomendados. Entretanto, alguns relevos demonstram a pouca habilidade na modelagem, o que pode estar relacionado com os trabalhos de estucadores locais.

NOTAS

¹ MASCARENHAS, 2013.

² LIMA, 2010.

³ GUTIERREZ, 2001.

⁴ SANTOS, 2007

⁵ MACAMBIRA, 1985.

⁶ ROZISKY, 2014.

⁷ KINDERSLEY, 2012.

⁸ Sobre o tema de técnica e nomenclatura, o autor Fábio Galli Alves desenvolveu monografia intitulada *Termos e modos de fazer relacionados ao estuque denominado de escaiola nos revestimentos de paredes no séc. XIX* (ALVES, 2012).

⁹ SPELTZ, 1987.

¹⁰ FOGLIATA, SARTOR, 1995.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Fábio Galli - *Termos e modos de fazer relacionados ao estuque denominado de escaiola nos revestimentos de paredes no século XIX*. Pelotas: [s.n.], 2012. Monografia em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis, apresentada à Universidade Federal de Pelotas.

CHEVALIER, Ceres - *Vida e obra de José Isella: arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX*. Pelotas: Mundial, 2002.

COTRIM, Hélder Antônio Coelho - *Reabilitação de estuques antigos*. Lisboa: [s.n.], 2004. Dissertação de Mestrado em Construção, apresentada à Universidade Técnica de Lisboa.

FIORITO, Antônio J.S - *Manual de argamassas e revestimentos: estudos e procedimentos de execução*. São Paulo: Pini, 1994.

FOGLIATA, Mario; SARTOR, Maria L - *L'arte dello stucco a Venezia*. Roma: EdilStampa, 1995.

GUTIERREZ, Ester J.B - *Barro e sangue: urbanismo, arquitetura e mão-de-obra*. Pelotas: Editora UfPel, 2004.

Idem - *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: Ed. UFPEL, 2001.

JONES, Owen - *A gramática do ornamento*. São Paulo: Ed. SENAC, 2010.

KINDERSLEY, Dorling – *Sinais & Símbolos*. São Paulo: E. Wwf/Martins Fontes, 2012.

KUBISH, Natascha. SEGER, Pia Anna – *Ornaments*, China:Ullmann, 2007.

LEITE, Maria de São José P - *Os Estuques no século XX no Porto: a Oficina Baganha*. Porto: Maiadouro, 2008.

LIMA, Solange Ferraz de - *Ornamento e Cidade: ferro, estuque e pintura mural em São Paulo 1870-1930*. São Paulo: [s.n.], 2001. Tese de Doutorado em História Social, apresentada à Universidade de São Paulo.

MACAMBIRA, Yvoti - *Os Mestres da Fachada*. São Paulo: C.C.S.P Divisão de Pesquisas, 1985.

MAGALHÃES, Mário Osório - *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a cidade de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Mundial, 1993.

MASCARENHAS, Alexandre - *Patologias e restauração dos estuques ornamentais e estruturais em edificações históricas*. Niterói: [s.n.], 2005. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil, apresentada à Universidade Federal Fluminense.

Idem – *Moldes e moldagens: instrumentos de proteção, preservação e perpetuação da obra de Antônio Francisco Lisboa*. Belo Horizonte: [s.n.], 2013. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais.

PANOFSKY, Erwin – *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ROZISKY, Cristina Jeannes - *Arte decorativa: forros de estuques em relevo -Pelotas, 1876 | 1911*. Pelotas: [s.n.], 2014. Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, apresentada à Universidade Federal de Pelotas.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila - *Eclétismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931*. Salvador: [s.n.], 2007. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, apresentada à Universidade Federal da Bahia.

SCHLEE, Andrey Rosenthal - *O eclétismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40*. Porto Alegre: [s.n.], 1993. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SPELTZ, Alexandre - *Les styles de l'ornement*. Milão: Cisalpina-Goliardica, 1987.

VIEIRA, Eduarda Moreira da Silva - *Técnicas tradicionais de fingidos e estuques no norte de Portugal, Contributo para o seu estudo e conservação*. Évora: [s.n.], 2002. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, apresentada à Universidade de Évora.